

“NÃO VAI ACONTECER NÃO QUE SANT’ANA NÃO DEIXA”: REPRESENTAÇÕES DA SECULAR BATALHA ENTRE TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA FESTA DE SANT’ANA DE CAICÓ

Cléryston Rafaell Wanderley de Medeiros.

Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande.

Faculdade Católica Santa Teresinha (Caicó/RN).

Faculdade Católica Nossa Senhora das Vitórias (Assú/RN).

O trabalho propõe uma problematização acerca da existência de uma cultura híbrida na região do Seridó norte-rio-grandense por meio de uma análise da Festa de Sant’Ana de Caicó, mostrando como este evento passou por uma profunda transformação tornando-se uma festa que, ao mesmo tempo, reforça uma ordem e uma identidade tradicional e, por outro lado, estabelece uma reinvenção dos valores e culturas desta mesma sociedade tradicional, desordenando e carnavalizando a comemoração. Esta festa, que é tida como um dos elementos mais representativos do povo caicoense, já não pode mais ser considerada apenas uma comemoração da fé e religiosidade, mas sim um evento detentor de todo um aparato estrutural e discursivo que ao mesmo tempo em que se remete a uma identidade tradicional local, passa por um intenso processo de ressignificação. A partir de uma pesquisa baseada na análise de memórias retratadas em diversos depoimentos orais que se baseou em uma série de entrevistas realizadas com diversos “atores sociais” envolvidos nos distintos momentos da Festa de Sant’Ana de Caicó e de um intenso processo de observação in loco, que ocorreu nas festas realizadas nos anos de 2010 e 2011, procura-se realizar uma descrição dos diversos símbolos, signos e rituais que representam a cultura caicoense no formato atual da Festa de Sant’Ana. Percebe-se que atualmente o evento se divide em dois grandes núcleos, que se distinguem principalmente pela caracterização ritualística de seus espaços: de tradição, ou reforço, e de invenção, ou ressignificação.

Palavras Chave: Identidade. Representação. Reconversão Cultural.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se configura como um fragmento de minha dissertação de mestrado realizado no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande. Nesse sentido, devo admitir seu caráter necessariamente parcial e fragmentário, servindo muito mais como uma proposta de comunicação de algumas das discussões geradas por esta pesquisa, como uma problematização que em nenhum momento se pretendeu conclusiva.

Assim sendo, o texto tem como objeto de estudos uma análise que visa problematizar os discursos de tradição, modernidade e turismo no Seridó e na Festa de Sant’Ana de Caicó, procurando mostrar como a nova Festa de Sant’Ana, a partir da lógica do turismo de eventos, reorganiza o espaço caicoense, utilizando-se de uma série de estratégias que acabam por ressignificar a cultura local, introduzindo novos referenciais culturais e o contato com outras identidades, em uma palavra, o turismo cria novas tradições e ressignifica os costumes seridoenses.

Agora, estas novas culturas são moldadas por influências externas, de povos que habitam além de suas fronteiras e visitam a localidade em busca de lazer, prazer ou

descanso. Estas novas referências baseiam-se em uma indústria turística, em uma *zona de convergência cultural* que obriga a convivência com outros referenciais culturais, em estratégias de *marketing*, em fluxos de povos em constante trânsito, enfim, em uma cultura globalizada.

Busco, por fim, realizar uma análise acerca das culturas e dos discursos sobre modernização em torno da Festa de Sant'Ana de Caicó, chamando a atenção para a necessária e urgente importância dessa discussão e questionando: para que(m) serve o turismo, afinal?

2. DISCURSOS DE TRADIÇÃO, MODERNIDADE E TURISMO NO SERIDÓ E NA FESTA DE SANT'ANA DE CAICÓ

Chegou o período dos cangaceiros e então um grupo de cangaceiros chegou até aí no pé-da-serra e quis invadir Caicó, mas como invadir? Então o chefe, certa tarde, veio disfarçado espreitando a cidade, entrando por aí pela ilha, por esse lado da ilha. O chefe do bando, ao se aproximar do leito da ilha, o leito do rio é... viu uma senhora de idade, uma senhora de idade como mulher do povo apanhando algumas bages de feijão na lavoura, apanhando aí alguma coisa nesse sentido. E... Então ela viu o cidadão e o cidadão olhou para ela, e quando ele foi entrando no leito do rio... o leito seco! Só areia, ela olhou para ele e disse: 'O senhor volte! O senhor não entrará nesta cidade, o senhor pode voltar'. e ele pelejava para dar um passo adiante para caminhar e não podia... e não podia. E, ela dizia: 'O senhor volte'. Aí ele voltou e contou isso a o seu bando e de lá eles foram embora e até hoje o povo de Sant'Ana que sabe dessa lenda diz que era Sant'Ana. Aquilo ali foi Sant'Ana que tomou a forma de uma senhora idosa e mandou esse cangaceiro ir em bora, esse chefe de bando ir em bora. É tanto que, sempre que aqui em Caicó, de repente, tinha uma ameaça e outra, o povo antigo sempre dizia: *'não vai acontecer não que Sant'Ana não deixa'*. Eu já ouvi muitas promessas de Sant'Ana e preces... Mas essa é uma das lendas mais bonitas que eu acho (ARAÚJO, 2007).

Admitindo a existência de panoramas de ressignificações dos referenciais culturais da região, interessou-me no presente trabalho analisar os processo de ressignificação da cultura, das identidades e dos espaços no Seridó, delimitando o estudo ao recorte espacial estabelecido como centro do recém-criado *Polo Turístico do Seridó*, a cidade de Caicó. Para tanto, creio que se faz necessária uma explicação acerca das representações simbólicas de cultura e natureza no Seridó.

A região do Seridó encontra-se inserida no centro do interior do estado potiguar, tendo como bioma a caatinga, que se estende por toda sua extensão territorial. Seu clima é o semiárido, que se caracteriza pela combinação de escassez e instabilidade das chuvas, com ocorrência de precipitações irregulares, tendo como precipitação pluviométrica anual em torno de 700 mm.

Enfatize-se a existência de basicamente duas estações anuais, sendo normalmente uma estação quente e seca, com altíssimas temperaturas e baixa umidade, e outra quente e úmida, um período chuvoso que vai aproximadamente de fevereiro a maio. Esta segunda é comumente chamada de inverno pelo povo da região.

Sua formação vegetal é composta pela caatinga subdesértica do Seridó, que é considerada a mais seca de todo o Estado, contando com uma cobertura de arbustos e árvores baixas, ralas e de xerofitismo acentuado, onde podem ser encontradas plantas características como pereiro, faveleiro, mofumbo, facheiro, xique-xique, jurema e diversos outras espécies de plantas espinhosas.

Grande parte da região encontra-se em uma área extremamente suscetível a desertificação. Este processo é influenciado por inúmeros fatores, estando entre os principais a ação antrópica.

É notório, como veremos, que a representação da cultura e da identidade do povo seridoense faz referências a aspectos votados em grande medida para a natureza da região. Todo este aparato de representações simbólicas da cultura local acaba por criar uma “sertanejidade” arraigada, vendida como principal característica do povo. “Sertanejidade” transformada agora em “seridoensidade”.

Tal discurso segue uma lógica bastante pragmática, a da produção de sentidos, criando conotações de representações construídas a partir dos mais variados aspectos, como espaços, paisagens, etc. Nesse sentido, a produção de sentidos nas representações da cultura local é estabelecida em função da natureza. Em outras palavras, a essência do “ser” seridoense só poderia ser apreendida através de uma série de representações, expressas tanto pelo poder do discurso quanto pelas imagens que condensam as identidades atribuídas a essa cultura local.

As representações imagéticas e discursivas da cultura local remetem-nos também as relações do homem seridoense com a própria caatinga, com a paisagem semiárida e com a “sertanejidade”. Nesse sentido, as imagens que remontam ao processo de colonização do interior do Estado por meio da pecuária são muito comuns, e encontramos diversas passagens de representações de um sem número de fatores que se relacionam a uma cultura luso-brasileira eminentemente pecuarista. Os espaços são habitados pelos vaqueiros e pelo sertanejo típico, pelos fazendeiros, pelos currais. A paisagem é a caatinga, os rios e riachos (em época de seca ou de inverno), mas também lugares habitados pelos homens predecessores, os povos indígenas pré-históricos, povos que já detinham a “essência da identidade seridoense” mesmo antes de esta existir, os

“proto-seridoenses” – invocando uma licença poética para a criação deste neologismo em nada desmedido.

O Seridó abriga a caatinga, bioma único no mundo, exclusivamente brasileiro. A caatinga é um tipo de formação vegetal com características bem definidas: árvores baixas e arbustos que, em geral, perdem as folhas na estação das secas. Ao caírem as primeiras chuvas no início do ano, a caatinga perde seu aspecto rude e torna-se rapidamente verde e florida. Na caatinga seridoense, estão importantes sítios arqueológicos, sinais inequívocos de uma cultura ancestral, [...] os indígenas chamavam ‘itacoatiara’ as pedras com letreiros, desenhos, riscos e figuras geométricas encontradas nas rochas e cavernas do sertão (ROTEIRO..., 2005, p. 18).

As artes são o bordado, a música marcial e o repente, a arquitetura colonial, a missa e as imagens sacras. As pessoas são representadas por figuras híbridas, que são, ao mesmo tempo, homens comuns, homens ordinários exercendo a vida por meio de uma série de estratégias de navegação social, e artistas – são as bordadeiras, os cantadores os padres e até mesmo os vaqueiros, que transitam com desenvoltura e rapidez por meio da caatinga como se esta nem estivesse lá, “quebrando jurema nos peitos”, exercendo uma das mais importantes artes, a vaquejada.

A cultura está bem presente no dia-a-dia dos seridoenses. Na arquitetura de suas igrejas e sobrados e nas casas antigas das fazendas; em seus museus, que guardam relíquias referentes aos ciclos econômicos vividos pela região: da pecuária, da mineração e do algodão; na rica coleção de obras sacras, que podem ser encontradas nas igrejas e nas residências. A musicalidade é outro traço cultural inconfundível do seridoense. A região é um celeiro de bandas de música. A arte de bordar nesta região do Rio Grande do Norte é sinônimo da imaginação e da pureza criativa das mulheres que vivem no mundo rural. [...] O bordado e a renda são o espelho da alma de quem os executa, buscando inspiração na natureza de contrastes, agreste ou suave, tons garridos e leves do sertão (ROTEIRO, 2005, p. 19).

A gastronomia é formada, de um lado, por comidas rudes, pesadas e gordurosas, com pouco requinte e com técnicas de preparo complicadas, que exigem uma sabedoria, por muitas vezes herdada, do cozinheiro: como a buchada de bode, o chouriço, o arroz de leite, a carne-de-sol, os queijos de manteiga ou coalho, a fritada com cabeça de carneiro, a cachaça e tantas outras que levaria um livro inteiro para relatar. Por outro lado, também faz-se referência a biscoitinhos e docinhos leves, de preparo razoavelmente fácil e ingredientes comuns, frutos de uma tradicional influência portuguesa

Sua culinária sempre foi pujante e marcante, criando fama em todo o país. Da tradicional carne-de-sol aos famosos queijos de coalho e manteiga, passando pelos bolos e biscoitos artesanais, a gastronomia seridoense deixa qualquer um

de água na boca. A influência do povoamento pelos portugueses não poderia deixar de consolidar e perpetuar, na região, costumes tradicionais relacionados à cozinha e culinária que se expressam, na sua maior plenitude, na produção artesanal de bolos, biscoitos e licores típicos. O cafezinho da tarde, acompanhado de biscoitinhos e outras guloseimas, e uma tradição arraigada na região. Os nomes são os mais variados, como tarequinhos, sequilhos de goma de mandioca e raiva, biscoitinhos de preparo simples à base de açúcar, amido de mandioca, margarina, ovos e leite de coco. As boleiras (aquelas que fazem bolos e, por extensão, biscoitos) detêm o segredo do que denominam localmente de 'iscas', através de receitas que vêm sendo passadas de geração a geração (ROTEIRO, 2005, p. 19).

Note-se a reincidência de um importante caráter em todos os relatos anteriores, um caráter liminar, híbrido, que aparece recorrentemente. Ora, existe uma característica bastante peculiar na "identidade seridoense", evidenciada na constante reincidência de imagens que remontam a uma noção identitária híbrida. A ideia de hibridação cultural é amplamente discutida por diversos teóricos, estando entre os principais Néstor Garcia Canclini. A discussão de Canclini mostra que os processos de hibridação cultural nos servem de evidências da complexidade das sociedades, pois mostram que alguns conceitos, tidos por muitos anos como prontos e acabados, na verdade carecem de maior reflexão – como o conceito de identidade, por exemplo, que, repensado a partir dos processos de hibridação, traz a tona a necessidade de uma ressignificação das sociedades estudadas de uma forma a levar em consideração suas auto representações.

Entende-se por hibridação os "processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas" (CANCLINE, 2008, p. XIX). Este fenômeno se configura através de um constante movimento de trânsito, no qual as culturas são constantemente ressignificadas por influência de outras formas, estruturas ou práticas. Nesse sentido, uma determinada prática, por exemplo, que poderíamos considerar mais heterogênea, ou híbrida, passaria a outra mais homogênea e, mais uma vez através de influências exteriores, estranhas a ela, ou mesmo espontaneamente, passaria a outra "relativamente mais heterogênea", sem que em nenhum momento uma destas formas fosse "pura" ou "plenamente homogênea". Seja de formas culturais, simbólicas ou econômicas, partindo de setores hegemônicos ou populares, todo este processo se baseia em diversas estratégias de "reconversão" (CANCLINE, 2008).

A ideia de reconversão é utilizada por diversos autores, como Stuart Hall (2006), Michel de Certeau (2011) e o próprio Néstor Garcia Canclini, com maior ou menor profundidade, e serve para explicar as táticas através das quais os indivíduos ou grupos sociais subvertem outras produções culturais, convertendo-as em algo novo, em benefício de si próprios ou de sua comunidade.

O espaço, por exemplo, como categoria de interpretação do real construída pelos grupos sociais, é um dos elementos que são altamente representativos das identidades que compõem a sociedade que o criou. E a transformação desses espaços pode ser tomada, por sua vez, como uma evidência da ressignificação – ou da tentativa de uma ressignificação – da própria identidade dos grupos que vivem e sobrevivem naquele lugar. Nesse sentido, as transformações nos espaços mais tradicionais da sociedade caicoense podem ser interpretadas como mudanças sintomáticas, ou evidências de que a identidade seridoense pode estar se ressignificando, se transformando.

Por outro lado, pode ocorrer que este hibridismo identitário sempre estivesse presente, em menor grau do que na atualidade, ou mesmo latente. Nesse sentido pode ser que a nova lógica de uma sociedade em processo de globalização apenas tenha exacerbado estas características, pondo-as em evidência.

Como forma de discutir estas problematizações, as festas de padroeiros mostram-se como acontecimentos bastante representativos do contexto abordado na presente pesquisa. Pode-se tomar como exemplo a própria Festa de Sant’Ana de Caicó, época em que todo o Seridó converge para a cidade. Esta festa é tida como a mais representativa do povo seridoense, noção que aparece no texto de Cavingnac (et al), que transcrevo parcialmente a seguir:

A importância histórica, cultural e social atribuída à Festa de Sant’Ana corresponde à cristalização dos registros memoriais e das práticas de sociabilidade: ao revivificar os laços centrados na família cristã, os seridoenses elegem elementos representativos da ‘sua’ tradição [...]. Assim, a festa de Sant’Ana de Caicó se projeta como a expressão por excelência da cultura e da identidade do Seridó (CAVINGNAC et al, 2011, p. 68).

Partindo-se da observação de que ela, a dita festa, já não é apenas uma comemoração da fé e religiosidade dos caicoenses, mas sim um evento detentor de todo um aparato estrutural e discursivo que se remete as identidades locais, o leitor perceberá que o discurso de reforço da identidade do seridoense por parte do setor de atividades do turismo gira sempre em torno de certo hibridismo. Nesse sentido, defendo a ideia de que “a identidade” seridoense configura-se como híbrida: a natureza é formada por uma vegetação que, em certas épocas, é acinzentada e, em outras, é esverdeada, viçosa. Os seridoenses teriam uma dupla descendência: de um lado os indígenas, que os deixaram como herança a prova de sua descendência de uma civilização “antiquíssima”, por meio dos vestígios de sua existência, as pinturas rupestres; de outro, uma legado histórico/sanguíneo/cultural que remonta a chegada e colonização dos espaços pelos

portugueses cristãos. Os homens, por sua vez, são figuras híbridas que ao mesmo tempo expressam a rusticidade do sertanejo e a sensibilidade dos artesãos, dos músicos, das bordadeiras. A culinária gira também na soleira entre comidas tradicionais e rudes, e requintadas e leves receitas legadas por uma influência europeia.

É como se as representações da cultura seridoense emergissem com certa periodicidade, tal qual ocorre com os ciclos das secas, que não apenas transformam drasticamente e dramaticamente a paisagem do Seridó, como também os homens que lá habitam.

Percebe-se pelos relatos que estas imagens da cultura do Seridó têm uma função que serve para reforçar a identidade cultural local, representada por diversas táticas que se caracterizam pela criação de uma espécie de marca representativa da região. Marca que converte “sertanejidade” em “seridoensidade”. Na presente pesquisa atribuí o termo “seridoensidade”, ou “seridoismo”, ao conjunto de representações da cultura do povo do Seridó. Ou seja, as representações simbólicas que traduzem o que possa ser identificado como seridoense, como o bordado, a hospitalidade, a religiosidade, a festa de Sant’Ana de Caicó, etc. O termo é, nesse sentido, um neologismo em nada desmedido, uma vez que tais produções culturais configuram-se como representações conotadas de uma realidade que é inapreensível, mas que traduzem emblemas e sinais, símbolos da identidade cultural local. Assim, o que chamo de “seridoensidade” não deve ser entendido como uma pretensa “essência” do Seridó, mas sim como uma representação, uma manifestação do universo dos símbolos e signos que revelam as representações condensadas do “ser seridoense”, atribuindo significados ao povo da região.

3. A FESTA NO NÚCLEO RITUAL DA ILHA DE SANT’ANA: NOVAS FORMAS DE VIVER E/OU USUFRUIR DO EVENTO

A atual Festa de Sant’Ana de Caicó, assim como a própria construção imaginária da identidade do seridoense, mostra-se como um rito que se caracteriza justamente pela indefinição de seus aspectos e que, ao contrário do que a moral das sociedades puritanas intuem, impõe a convivência de um evento que é, ao mesmo tempo, de ordem e de desordem, evidenciando seu caráter híbrido.

Se por um lado a dita festa conserva características tradicionalistas e regionalistas com o objetivo de defender uma identidade e uma ordem social vigentes, mostrando aproximações com os chamados ritos de reforço das festas da ordem, por outro, distanciando-se um pouco do Núcleo Ritual do Pavilhão de Sant’Ana, no Complexo

Turístico Ilha de Sant’Ana, a dinâmica espacial aponta, em parte, para um processo de reinvenção e ressignificação da estrutura da festa.

Esta invenção se dá em primeiro lugar pela própria disposição física do evento. A Ilha de Sant’Ana fica bem próxima da Catedral, mas o visitante tem a impressão que foi transportado para outra cidade, primeiramente devido a magnitude da construção, que segue os padrões arquitetônicos mais modernos, depois pelos confortos que a Ilha oferece em termos de infraestrutura e serviços.

No ano de 2005 o governo do Estado implantou o chamado Polo Turístico do Seridó, ato que traria na sua esteira toda uma sorte de políticas públicas que tem por objetivo a efetivação do setor turístico nas cidades que congregariam este espaço. A partir desta data também os espaços e as paisagens das cidades que comporiam o polo começaram a passar por um intenso processo de remodelação aliado a um novo ímpeto de modernização que visava bem atender as demandas provenientes dos fluxos de visitantes. Em Caicó, este ímpeto de modernização culminou na construção do chamado “Complexo Turístico Santa Costa Ilha de Sant’Ana de Caicó”.

A história da Ilha é bem mais antiga. Na verdade, ao que se sabe aquele local nem sempre foi uma ilha. Segundo Ronaldo Batista de Sales, conhecido popularmente como Magão, a ilha teve origem no remoto ano de 1775, período no qual teria ocorrido um dos maiores invernos da região. Esse inverno teria acarretado uma grande enchente que fez com que o Rio Seridó criasse um novo braço naquele local, formando uma espécie de ilha fluvial sazonal, que até a atualidade se forma apenas periodicamente, em estações mais chuvosas.

Com o tempo a população local começou a chamar aquele espaço de “Ilha de Sant’Ana” porque as terras nas quais o acidente geográfico natural teria ocorrido estavam localizadas na propriedade da Santa (SALES, 2007).

Segundo o professor aposentado Aduino Guerra Filho a ilha teria passado a fazer parte do “patrimônio de Sant’Ana” no paróquia do Padre Francisco de Brito Guerra, no início do século XIX. Aduino afirma que, naquele tempo, para um padre assumir uma paróquia era necessário que ele se submetesse a um concurso, era o chamado “vigário colado”. O Padre Guerra – que era da Fazenda Jatobá em Campo Grande, então pertencente a Assú, no norte do Estado do Rio Grande do Norte – se submeteu ao concurso de vigário colado da Freguesia da Gloriosa Senhora Sant’Ana do Seridó e, tendo sido aprovado “com brilhantismo”, veio morar em Caicó. Chegando na cidade ele teria se lançado na empreitada de “cuidar da formação do patrimônio de Sant’Ana” (GUERRA FILHO, 2007), pois já haviam algumas doações em nome da santa.

Uma dessas doações foi adquirida pelo padre em terras onde hoje está localizada a Ilha de Sant'Ana.

Aparentemente, com o passar dos anos, as “propriedades da santa” acabaram por se confundir com as do próprio padre, pois o senhor Adalto Guerra, que é descendente direto do Pe. Guerra (!), afirma que

Antes de morrer ele fez um inventário e dividiu o testamento entre todos os irmãos, e a Ilha de Sant'Ana ficou para *um dos filhos dele*, Jacinto Francisco Sales, que é o meu bisavô, é estranho dizer que eu sou descendente de um Padre, por que, ele apesar de sacerdote, não respeitou o celibato e teve um romance com uma mulher chamada Joana da Rocha, nascendo um filho que ele deu o nome de Manoel da Rocha, depois arranhou outro romance com uma mulher que chamava-se Maria José da Hora que era minha bisavó conhecida por Mocinha e nasceram seis filhos e ele reconheceu a paternidade de todos eles e depois elaborou um documento e embaixo colocou ‘tive sete filhos, fragilidade da carne’ (GUERRA FILHO, 2007).

Esta história, contada com certo embaraço pelo prof. Adalto Guerra, evidencia que, por “fragilidade da carne”, as terras que inicialmente pertenciam a paróquia de Sant'Ana acabaram sendo transmitidas para os descendentes do Pe. Guerra e foram sendo divididas entre os descendentes destes e vendidas a outras pessoas até a desapropriação das terras e aquisição do terreno por parte do Governo do Estado, já no início do atual século.

As terras que ele comprou depois do Rio Seridó, que hoje é a Ilha de Sant'Ana, ficou para Francisco, com a morte de Francisco no final do século XIX, vovô fixou residência na Ilha e passou toda a sua vida trabalhando de agricultor e pescador. Por morte de pessoas da família, vovô comprou as partes de terra que hoje é a Ilha. Em 1922, vovô morreu e como nenhum dos irmãos de papai tinha vocação agrícola, papai vendeu a um cidadão de São João do Sabugi, da família Dantas, e ficou com ele até mais ou menos uns vinte anos atrás e os descendentes dele venderam a uma pessoa de Currais Novos (GUERRA FILHO, 2007).

Um desses proprietários que receberam a “posse” de uma das partes da terra de Sant'Ana foi o senhor Magão. O entrevistado afirma que seu quinhão da propriedade

Veio de uma herança. Seu terreno pertencia ao senhor Belisto. Depois de sua morte, foi vendida. Eu fiquei com um pedacinho dela. Belisto era um primo do meu pai, ele era descendente de Padre Brito Guerra. Quando ele morreu a família vendeu, eu e parte da família compramos um pedaço da terra, a posse no caso, porque não tinha um documento, ficava registrado a posse na Igreja de Sant'Ana. Então, a gente recebia só o direito de posse (SALES, 2007).

Magão é uma importante figura da cidade. Carnavalesco, foi o criador do chamado “Ala Ursa do Poço de Sant'Ana”, o bloco de carnaval mais popular da cidade, e teve uma importante participação na história da Ilha de Sant'Ana. A fala do depoente dá

conta de uma memória que revela mais uma manifestação das práticas devocionais da população local. Ele afirma que

No ano de 1940 Inácio Caritó estivera paraplégico e fez uma promessa a São Sebastião que se ficasse curado, ou seja, saísse da cadeira de rodas, construía uma capela para o santo. Como ficou curado, arrecadou dinheiro com a comunidade e em 1940 ele iniciou a construção dessa Capela. Em 1964, a capela caiu e os estudantes se juntaram e a reconstruíram. Em 1989 eu juntei algumas pessoas que a sociedade tinha jogado no mato, a maioria drogados, homossexuais, os sapatão, eu comecei com quatro pessoas e terminei com cento e quarenta e quatro. Nós fizemos a réplica da primeira capela, só que a outra era menor e nós aumentamos mais dois metros. Mas era do mesmo jeito da antiga (SALES, 2007).

Os trabalhos de reconstrução da capela, que ficaria conhecida na localidade como “Capelinha do Serrote da Cruz”, sob invocação oficial de São Sebastião, foram iniciados em 1989 e concluídos um ano depois, na manhã do dia 20 de janeiro de 1990, quando foi inaugurada com muito júbilo.

A construção do Complexo Turístico Ilha de Sant’Ana foi iniciada no ano de 2005, iniciando um ciclo que culminaria com a concretização de um lugar que configurasse como uma das maiores transformações sofridas pelo evento. Este complexo é resultado de um projeto do Governo do Estado que visa incrementar o turismo regional, sendo concluído em 2008. Mas, mesmo antes da inauguração, já no ano de 2007, o espaço vinha sendo utilizado para realização de eventos diversos, como a própria Festa de Sant’Ana, conforme notícia abaixo do Governo do Estado do RN.

O Governo do Estado entregou à população de Caicó, no dia 23 de julho, o Complexo Turístico da Ilha de Sant’Ana. Foram investidos R\$ 18 milhões na construção do espaço que já vinha sendo utilizado pelos caicoenses para eventos como a Festa de Sant’Ana, padroeira do município, que atrai turistas e conterrâneos durante todo este mês de julho. O complexo foi construído para incrementar o turismo de eventos na região. O espaço consiste num parque temático, parque infantil, palco para os shows com praça de alimentação, boxes para artesanato, anfiteatro e um ginásio dotado de quadra poliesportiva com dimensões oficiais e arquibancada com capacidade para 3.000 pessoas. O complexo deve atrair também pousadas que vão atender aos visitantes durante todo o ano, principalmente nos grandes eventos e festejos do calendário turístico de Caicó (RIO GRANDE DO NORTE (Estado), [2008]).

A ilha, que fica no centro histórico, cultural, comercial e religioso da cidade, já ocupava um posto de destaque na memória coletiva dos caicoenses, pois o seu espaço é detentor de dois lugares da memória local. Como discutido anteriormente, é nas imediações desta ilha que se localiza o Poço de Sant’Ana, palco do mito criador da cidade, e também é nela que foi edificada a Capelinha do Serrote da Cruz, ou Capelinha de São Sebastião. Ademais, é na ilha por onde passa o Rio Seridó, antigamente

conhecido como Acauã ou Cuó, que daria o nome a urbe. Ambos os lugares são marcos de reforço de uma identidade local e, também, são considerados pontos turísticos locais.

A área total do local compreende um espaço que chega a mais de cento e quarenta e sete mil metros quadrados, contando com toda uma infraestrutura de suporte que visa provocar um incremento no Roteiro Seridó, criado, por sua vez, para estimular o desenvolvimento do turismo no Polo Turístico do Seridó. Alguns dos equipamentos da Ilha receberam nomes de pessoas com reconhecidos serviços prestados à cultura seridoense, como o Mons. Antenor Salvino de Araújo, pároco da Catedral de Sant'Ana por cerca de meio século.

Em diversos sentidos, a construção da Ilha foi benéfica para a festa de Sant'Ana, como pode atestar o Dossiê do IPHAN sobre o evento, conforme citação que transcrevo a seguir.

A construção da Ilha, de fato, 'desafogou' a Festa de Sant'Ana, abrigando três estruturas que até então funcionavam nas adjacências da Catedral: os parques de diversões, os shows promovidos pela prefeitura e governo do estado e a Feira de Artesanato (DOSSIÊ..., [200-], p. 95).

A Feira de Artesanato dos Municípios do Seridó, mais conhecida como FAMUSE, configura-se como uma feira de amostra do trabalho de artesãos provenientes de diversas regiões do Estado e de todo o Nordeste brasileiro, principalmente da região do Seridó norte-rio-grandense. A feira é um projeto que tem como principais parceiros o Governo do Estado, através das secretarias de Cultura e de Turismo, a Prefeitura Municipal de Caicó e o Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa (SEBRAE), sob a coordenação do Comitê Regional das Associações e Cooperativas de Artesanato do Seridó. O foco principal é a divulgação dos produtos da terra, à exposição da vocação artesanal da região e mostra das condições emblemáticas do espírito artesão da região do Seridó norte-rio-grandense.

Os produtos são os mais diversos, evidenciando as “marcas identitárias” da região. São a carne-de-sol e os queijos de manteiga e coalho caicoenses, com tradicionais técnicas de preparo que remontam ao início do período colonial, os produtos de cerâmica, de couro e o bordado seridoense, com toda sua riqueza de detalhes e sua “finesa” nos acabamentos, os docinhos e as guloseimas, tentações gastronômicas, as apresentações de músicos locais, o forró pé-de-serra, as bandinhas de música, os saraus poéticos, etc. Tudo com vistas a reforçar a identidade e a cultura tradicional local.



Fonte: acervo pessoal do autor.

Na imagem acima, observa-se a tentativa de reforço de uma cultura e uma identidade seridoense tradicionalista a partir da exibição de um trio de forrozeiros tocando “pé-de-serra” ao lado de uma casa de taipa, a qual foi atribuída o título de “casa seridoense”. A casa foi construída no interior do espaço reservado para a realização da FAMUSE no ano de 2011 e demolida logo após o encerramento da festa. No interior do ambiente eram servidos cafezinhos aos visitantes, acompanhados de comidas típicas da região, como queijo e carne-de-sol, tapioca com manteiga de garrafa, biscoitos e, também, cachaça. Tinha o claro objetivo de reforçar a imagem do seridoense como sertanejo tradicional, como vaqueiro, de tipificar as referências culturais locais em uma sertanegidade arraigada. Os objetivos foram cumpridos, uma vez que a casa foi um dos locais mais frequentados do evento. Motivos não faltaram para tanto, pois tudo nela era convidativo, até o cheiro do local convidava a entrar e se acomodar. Ao passar nas imediações, sentindo o cheiro do café coado na hora, nenhum visitante ou morador local poderia resistir a sua atração, sendo automaticamente impelidos a adentrar e deleitar-se com a imersão na cultura local.

No anfiteatro da ilha, nos primeiros dias da festa, é realizado o espetáculo teatral intitulado “Terra de Sant’Ana”, também conhecido como “Auto de Sant’Ana”. O espetáculo teve início no ano de 2006, ocorrendo até 2010, sempre durante o mês de julho. Curiosamente, a ideia da realização do evento partiu da então primeira dama da cidade de Currais Novos, Ângela Lins, e através do pedido de recursos financeiros que o prefeito da mesma cidade, José Lins, teria feito ao governo do Estado. Digo “curiosamente” porque as duas cidades, Caicó e Currais Novos, tem uma já antiga

rivalidade, havendo hostilidades e discussões constantes entre seus moradores, cada uma querendo ter “mais importância” do que a outra para a região do Seridó. Assim, o evento não é realizado unicamente em Caicó, mas sim em diversas cidades da região, que tem Sant’Ana como padroeira. No ano de 2007, por exemplo, nos dias 26, 27 e 28 de julho o espetáculo aconteceu em Caicó, em Currais Novos foi realizado nos dias 13, 14 e 15 do mesmo mês, e em Sant’Ana do Mato, nos dias 21 e 22.

O Auto retrata a história de Sant’Ana, do sertanejo seridoense e da região do Seridó. Em Caicó, acrescenta-se uma representação do mito criador da cidade, a chamada “lenda do vaqueiro”.

A preparação do espetáculo fica a cargo da artista Diana Pinheiro Fontes, que é a responsável pela criação, roteiro e direção geral do espetáculo e participa desde sua concepção. Para tanto, é necessário começar os preparativos para a apresentação três meses antes da efetivação do evento, que vai desde oficinas de montagem, passando pela montagem do figurino, criação de cenários, formação de equipes e culminando com a apresentação. A artista afirma que o evento

Tem um sentido lúdico, porque trabalhamos com a imaginação, com a experiência e vivências das pessoas, como os sentimentos. Trata-se da valorização do ser humano, da sociedade. O papel social de um espetáculo é fundamental, *fortalecimento da identidade* (FONTES, 2007).

Admitindo que o evento tem como uma de suas principais funções o “fortalecimento da identidade” local, a senhora Diana Fontes afirma ainda que costuma utilizar elementos da natureza e outros que remetem o espectador aos principais referenciais culturais da localidade. O objetivo me parece bastante claro, tais recursos servem para causar uma maior identificação dos espectadores com a ideia de seridoensidade. Assim, para compor os cenários, por exemplo, usam-se cactos (xique-xique, cardeiro, coroas-de-frade, etc.) e plantas secas. Para os figurinos, recorre-se a roupas bordadas. A maquiagem é feita de argila, dada a quantidade de cerâmicas que pontilham todo o território regional, e os tecidos são feitos de algodão, outro dos símbolos do Seridó (FONTES, 2007).

Em uma das cenas da representação a figura central, representando Sant’Ana, é ladeada por figuras que representam as forças da natureza: o fogo, a terra, o ar e a água. Logo abaixo, prostrados em genuflexão, em uma atitude de submissão, estão os homens seridoenses, representados por vaqueiros, por sertanejos. Percebe-se aí uma já conhecida luta entre categorias que remontam, mais uma vez, a identidade tradicional da região, representada pela força das águas e das intempéries da natureza, às quais o

sertanejo seridoense teve que se submeter ao longo dos séculos, e de suas entidades metafísicas.

Mas é óbvio que, ao contrário do que as camadas produtoras de sistemas culturais de significados na cidade querem aparentar, nem todo seridoense é um vaqueiro. Essa identidade cultural que se pretende homogênea, tradicional, e naturalizada e imutável frente as mudanças provocadas pela modernidade, passa na atualidade por um intenso processo de ressignificação. Esse processo vem se intensificando nos últimos anos, principalmente no ambiente do Complexo Turístico Ilha de Sant'Ana.

Nesse local, durante a festa, a própria população caicoense assume uma postura que aponta para uma mudança no padrão comportamental dos grupos sociais que participam da festa, um padrão que nos remete a um processo ritual de carnavalização, na acepção de Roberto da Matta (2000). Nesse sentido, pode-se perceber a ascensão de uma nova Festa de Sant'Ana que promove a obrigatoriedade fenômenos culturais no mínimo peculiares.

Um dos argumentos que corroboram esta reflexão diz respeito às formas que o homem comum encontrou para vivenciar a festa no Núcleo Ritual da Ilha de Sant'Ana, divergindo do padrão recatado e ostentador da festa tradicional. Por exemplo, os grupos de amigos que todos os anos durante o carnaval, que é uma festa eminentemente das massas, formam os blocos carnavalescos, agora na Festa de Sant'Ana, também se reúnem e confeccionam as camisetas que servem para identifica-los enquanto grupo social homogêneo, ou diferente dos outros.

Esses blocos carnavalescos se comportam exatamente como se estivessem em pleno carnaval. Eles estabelecem pontos de encontro fixos, normalmente sediados em prédios ou residências alugadas, onde podem exagerar a vontade na bebida e se ver livres da ordem coercitiva da sociedade. Na festa, eles também demarcam espaços no entorno do palco principal da Ilha, onde podem estacionar seus caixotes de cerveja, em torno dos quais fica estabelecida uma espécie de bolha territorial exclusiva do bloco. É uma verdadeira carnavalização.

As bandas que tocam no palco da Ilha já não remetem mais unicamente a uma identidade local, já não tocam mais apenas o forró pé-de-serra. São, em sua maioria, atrações nacionais que, muitas vezes, tocam estilos musicais que se relacionam com outras identidades de outros recortes geográficos, assim nos anos no final do século XX, o evento teve como atrações principais atrações que tocavam estilos variados, como o "brega", a "MPB", o "frevo" e o "axé", os chamados "forró universitário" e "sertanejo universitário" e, inclusive, o pop e o rock internacionais.

Outra mudança, esta de maior ressignificação ainda, e mesmo de “ataque”, frente à ordem cultural estabelecida e a chamada identidade seridoense, veio no ano de 2009. Era noite de 25 de julho quando um aglomerado de pessoas vestindo predominantemente o preto e com um visual “estranho” para os padrões culturais locais, como camisas de *rock* e coturnos, se fez presente em frete ao anfiteatro da Ilha. Essas pessoas estavam ali para participar do evento de “*rock*” intitulado *Scream For Me Caicó* – que pode ser traduzido para o português como “grite para mim Caicó”.

No seu primeiro ano, o evento, que reuniu vários fãs de *rock* de toda a região e de outras localidades do RN, teve um público de aproximadamente 600 espectadores. Nas palavras de seu criador, o jovem Allan Stephan Araújo Rodrigues Silva, “foi planejado como uma forma alternativa de entretenimento cultural onde a música é abordada como veículo para o laser e envolvimento total com turistas e populares”.

O primeiro *Scream For Me Caicó*, que se configurou como um tributo a uma banda inglesa de *heavy metal* muito conceituada entre os “metaleiros”, chamada *Iron Maiden*, teve um grande sucesso, tendo como atrações a participação as bandas BHR (Caicó/RN) e Rhenoda (Natal/RN), ambas tocando músicas de estilos *heavy metal* e/ou *hard rock*.

Nos anos seguintes o evento se firmou como “atração alternativa” para a Festa de Sant’Ana, contando com a participação de diversas outras bandas de *rock* do cenário estadual e homenageando as bandas internacionais *Bon Jovi* (EUA), em 2010, e *Metallica* (EUA) e *Scorpions* (Alemanha), no ano de 2011.

O idealizador do evento é bastante consciente acerca da importância transformadora que a festa de *rock* tem frente à cultura local, como elemento ressignificante de culturas e identidades locais, afirmando que:

Além de proporcionar algo ‘novo’ em termos culturais para a cidade, o evento surge para fornecer uma alternativa de entretenimento não só para o público amante do *rock*, mas também aos curiosos que, na grande maioria das vezes, também acabam interagindo e, por consequência, somando interesses no mesmo, além de repensar a cultura regional por meio de um evento anual que proporcionará para a região do Seridó uma nova atração em seu calendário turístico (SILVA, 2011).

A noção de que o evento é uma espécie de ato cultural de reação simbólica às identidades impostas pelos agentes produtores da “cultura oficial local” corrobora a ideia na qual essas referências culturais da região do Seridó estariam sofrendo, na atualidade, um intenso processo de ressignificação resultante de uma cultura cada vez mais globalizada. É possível enxergar na Festa de Sant’Ana da Ilha, através do *Scream For Me*

Caicó, um repertório com o qual os “roqueiros”, que também são usuários da Festa de Sant’Ana, desenvolvem operações próprias. Em outras palavras, os usos do produto cultural “Festa de Sant’Ana” pelo homem comum encontrou formas distintas das pensadas originalmente pelos seus produtores iniciais.

Esta festa de *rock* pode ser considerada como uma astúcia que os usuários da festa, originalmente de reforço de uma ordem social e de uma identidade local – católica, sertaneja, com um padrão comportamental predefinido e hierarquizado – desenvolvem com intuito de driblar os termos dos contratos sociais seridoenses, utilizando os padrões culturais impostos pelos agentes produtoras de sistemas significados em benefício próprio. Assim, nas palavras de Michel de Certeau,

Diante de uma produção racionalizada, expansionista, centralizada, espetacular e barulhenta, posta-se uma produção de tipo totalmente diverso, qualificada como ‘consumo’, que tem como característica suas astúcias, seu esfarelamento em conformidade com as ocasiões, suas ‘piratarías’, sua clandestinidade, seu murmúrio incansável, em suma, uma quase invisibilidade, pois ela quase não se faz notar por produtos próprios (onde teria o seu lugar?), mas por uma arte de utilizar aqueles que lhe são impostos (CERTEAU, 2011, p. 88-89).

O que Certeau chama de consumo pode ser caracterizado como os diversos usos que as camadas “populares”, não produtoras de sistemas de significados, fazem das culturas criadas e distribuídas pelas “elites” produtoras de significados, de padrões culturais de forma a manipular e ressignificar esses produtos simbólicos. Nesse sentido, aquilo que se chama de ‘vulgarização’ ou ‘degradação’ de uma cultura seria então um aspecto, caricaturado e parcial, da revanche que as táticas utilizadoras tomam do poder dominador da produção (CERTEAU, 2011, p. 88-89).

Em um segundo momento, creio que com o espaço de eventos do Complexo Turístico Ilha de Sant’Ana e as estratégias de *marketing* da administração pública da cidade de Caicó, estratégias tão comuns nos grandes eventos turísticos, criou-se uma festa que, distanciando-se de sua proposta e formato originais, se assemelha as “festas de desordem”. A dita festa, agora no Núcleo Ritual da Ilha de Sant’Ana, estaria carnavalizada. Segundo Roberto da Matta as festas de desordem são capazes de inverter a realidade, e a principal expressão desses eventos é o carnaval

O carnaval é basicamente uma inversão do mundo. Uma catástrofe. Só que é uma reviravolta positiva, esperada, planejada e, por tudo isso, vista como desejada e necessária em nosso mundo social. Nele, conforme sabemos, trocamos a noite pelo dia; ou o que é ainda mais inverossímil: fazemos uma noite em pleno dia; substituindo os movimentos coletivos que desfilam num conjunto ritmado, com uma coletividade indestrutível e corporificada na música e no canto (MATTA, 1984. p. 74).

Nesse sentido, as práticas que comumente eram desenvolvidas durante a Festa de Sant'Ana passam também por um profundo processo de reinvenção. Se o padrão comportamental da Festa de Sant'Ana Tradicional é o da manutenção de uma identidade e de uma ordem social por uma série de estratégias, o padrão do Núcleo Ritual da Ilha de Sant'Ana é o da ressignificação da cultura das identidades locais, e até mesmo da construção de novas identidades e ordens sociais, onde tudo fica deslocado de sua realidade cotidiana. Onde também abre-se a possibilidade para que certas coisas ocorram e que outras sejam evitadas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: TURISMO E PROCESSOS DE HIBRIDAÇÃO CULTURAL

Esta pesquisa expressou uma profunda inquietação. Preocupou-me a atual conjuntura das discussões no círculo dos estudos do fenômeno da produção, por parte do saber local, dos referenciais e representações simbólicas da cultura, identidade e história da Festa de Sant'Ana de Caicó na região do Seridó norte-rio-grandense.

Ao longo da primeira década do presente século, percebeu-se que a região vivenciou um momento importante, no qual seu estatuto cultural passou por todo um processo de sistematização com vistas a viabilizar a consolidação de práticas turísticas em seu espaço. Percebo que a criação de “atrativos” turísticos muitas vezes parte de ideias estabelecidas *a priori*, de noções de identidade que muitas vezes são estabelecidas por parte do poder público sem que se leve em consideração as diversas representações que o “saber local” faz de sua própria sociedade, de sua cultura, de sua natureza.

Como bem afirmou o antropólogo Clifford Geertz, “o homem é um animal amarrado a teia de significados que ele mesmo teceu” (GEERTZ, 2008, p. 15). Nesse sentido, creio ser sensato o pressuposto de que todas as representações sobre esta “teia” de mediações simbólicas da cultura local devam ser levada em consideração para escolha e posterior uso de qualquer produto cultural. Entendi, mais uma vez inspirado em Geertz, que a criação de um roteiro turístico predominantemente cultural deveria ser precedida por uma intensa investigação de caráter histórico e etnográfico dos diversos significados e usos do saber local em seu habitat natural, no “universo cotidiano em que seres humanos olham, nomeiam, escutam e fazem” (GEERTZ, 2009, p. 79).

Partindo desta problemática, percebi a possibilidade de ingressar em um novo campo de estudos, tendo como uma das propostas mais importantes do presente texto o uso das culturas e ressignificação das “identidades” na região do Seridó norte-rio-grandense através de um estudo acerca das dimensões simbólicas, artes de fazer e

representações na Festa de Sant'Ana de Caicó. Visando viabilizar a construção discursiva desta temática, a discussão desenvolvida neste artigo configurou-se como um esforço de problematização das representações dos referenciais culturais, dos espaços e das paisagens vividas cotidianamente pelo homem seridoense, notoriamente na Festa de Sant'Ana de Caicó.

Escolhi este recorte micro temático por entender que o produto das relações entre ser humano e natureza configura-se como uma das principais molas propulsoras da construção das culturas e das identidades dos povos. Assim, se fez necessário enxergar espaço, paisagem, natureza e cultura como documentos profundamente inter-relacionados, no sentido que podem ser lidos e interpretados a luz tanto da antropologia quanto da história, de forma diacrônica ou sincrônica.

Enfatizo que pensar a sociedade como sendo composta de inumeráveis “construções culturais, sustentadas de modo eficaz tanto pelo mútuo consentimento quanto por causas materiais inevitáveis” (BARTH, 2000, p. 111) através de representações coletivas implica observar que o padrão destas construções culturais está relacionado às funções simbólicas e expressivas da cultura. Ou seja, as formas como uma sociedade se enxerga e se auto representa, assim como as formas pelas quais elementos externos a representam, são culturalmente construídas.

Ao longo do estudo, pôde-se perceber que visitar o Complexo Turístico Ilha de Sant'Ana de Caicó, durante o período da atual festa em homenagem a padroeira da cidade, é se inserir em um espaço extremamente múltiplo, complexo e heterogêneo. Vivenciar a Festa de Sant'Ana de Caicó, como se pode perceber nas discussões desenvolvidas, é se entregar a todo um universo de estímulos, sejam eles sonoros, visuais, olfativos, gustativos ou táteis, que partem de inumeráveis referenciais e que permitem vislumbrar um cenário cultural extremamente diversificado que aponta para uma constante luta entre duas categorias, a tradição e a modernidade. Esta luta, ao invés de criar padrões culturais fixos e identidades unificadas, imutáveis, acaba por gerar um fenômeno particular, onde as categorias em luta acabam por se fundir. E essa fusão de tradição e modernidade aponta, por sua vez, para o surgimento de novos padrões culturais, hibridismos culturais e identitários, apesar de o discurso de venda do destino por parte dos poderes públicos estadual e municipal, assim como das agências de viagens, buscar constantemente transmitir representações conotadas estanques para os consumidores finais da festa, os visitantes, os “filhos ausentes” e os fiéis.

A inserção da festa no calendário turístico de eventos do Estado e a transferência dos eventos “profanos” para o Complexo Turístico Ilha de Sant'Ana

provocou muitas transformações na Festa de Sant'Ana de Caicó. E nesse processo, novos atores e novas referências culturais entraram em cena. Entre estes, as agências de fomento ao turismo. Assim é que a primeira edição do guia "Roteiro Seridó", que cumpre a função de suporte à comercialização e divulgação de produtos turísticos e de apoio ao setor na região, teve o objetivo de desempenhar o papel de ponte de ligação entre operadoras e agentes de viagens, "enquanto participantes da promoção e comercialização de roteiros para turistas potenciais de todo mundo" (ROTEIRO..., 2005, p. 02), com o Polo Turístico do Seridó.

Nesse documento, afirma-se que o reconhecimento da vocação turística do Seridó levou o SEBRAE/RN a inserir a região no Programa SEBRA de Turismo – que visa o desenvolvimento de territórios com reconhecida vocação para atuação no setor. Em decorrência disso, foi assinado um convênio com diversas instituições, tais como a Secretaria de Turismo do Estado, para a execução do chamado "Plano de Turismo Sustentável – Roteiro Seridó".

O projeto envolve parceiros como a Escola de Turismo e Hotelaria Barreira Roxa, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC/RN), o Serviço Social do Comércio (SESC/RN), o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR/RN), o Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente (IDEMA/RN), o Ministério do Turismo, órgãos ambientais, universidades, instituições financeiras, organizações não governamentais e prefeituras municipais da região. Ou seja, os agentes envolvidos são os mais diversos, cada um lutando pelo reconhecimento de uma "identidade regional" unificada, plenamente identificada, coerente. E essa "identidade regional" é transmitida de forma a "conjurar" toda e qualquer forma de cultura liminar, de identidades híbridas, objetivando abafar qualquer nuance, qualquer tonalidade divergente da identidade seridoense "reconhecida" como tal pelo poder público. Mas, percebe-se que, invocando as palavras de Stuart Hall, tal identidade é uma "fantasia" (HALL, 2006, p. 13). Prova disso pode ser encontrada numa observação: na medida em que, na festa de Sant'Ana de Caicó, os usos dos diversos sistemas de atribuição de significados e as representações culturais se multiplicam, se intensificam, os agentes produtores de sistemas de significação são confrontadas por toda uma "multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis" (HALL, 2006, p. 13). É o caso das identidades de "foliões" e de "roqueiros", que agora reivindicam sua parcela de participação na Festa de Sant'Ana e evidenciam que a identidade seridoense, ao menos em parte significativa da população, já não está mais presa aos mesmos referenciais culturais, tradicionalistas.

Em outras palavras, se, para o poder público, é interessante a reprodução de ideias de representações conotadas “estanques” de uma identidade regional, em Caicó, estas identidades e referenciais culturais estariam em constante processo de ressignificação, de hibridação.

Quantos lugares e identidades existem nos núcleos rituais da Festa de Sant’Ana? Quantos “Seridós” são enunciados na Festa de Sant’Ana de Caicó? Um Seridó cujas referências principais são fundamentadas em uma história secular, nas construções em estilo colonial, na memória e nas crenças da comunidade, nas comidas típicas, nos rituais e nas bênçãos de Sant’Ana, em todos os referenciais que constroem, por diversos expedientes, a cultura tradicional do *ser seridoense*, da *seridoensidade*. Um outro Seridó, o dos desvios e dos excessos, do viés, das inversões e das comemorações carnavalescas e das demais festas de inversão, que põem de “ponta-cabeça” uma realidade e uma ordem social construídas historicamente, transformando-as, contraditoriamente, em algo que em nada lembram o original, o “tradicional”, a bem da verdade utilizado no discurso da representação tipificada da seridoensidade.

A nova Festa de Sant’Ana reorganiza o espaço caicoense, utilizando-se de uma série de estratégias que transfiguram a cultura local, introduzindo novas referências identitárias, desta feita moldadas por influências externas. Estas novas referências baseiam-se em um mercado turístico inter-regional e, em alguns momentos, internacional, em estratégias de *marketing* e venda do destino, em fluxos de pessoas, enfim, em uma cultura global.

Nesse momento me ocorre um conceito, a noção de que as culturas se definem, ao menos em parte, justamente nos fluxos humanos, nas trocas culturais, realizados sempre na fronteira, nas chamadas “zonas de contato”, como defendem Barth (BARTH, 2000), Cancline (CANCLINE, 2008) e outros pesquisadores na linha das ciências sociais. Mas quero chamar atenção para a existência de alguns ambientes onde, em tese, a fronteira não existe. Esses ambientes são justamente estes lugares ditos turísticos, como a cidade de Caicó, entre outras, com um fluxo turístico ainda em processo de consolidação. Neles não existem efetivamente zonas de contato, conceito condicionado à fronteira, mas sim fluxos de convergência cultural. Dentro desta lógica e através do uso de seus espaços, que passam a atuar como algo que poderíamos chamar, talvez, de “zonas de convergência”, a cidade de Caicó passa a ser “mundializada”. Sua cultura e identidade se ressignificam, se transfiguram. Nessa mesma nova lógica, o Seridó passa a ser “mundializado”. Não porque sua identidade deixou de existir, mas porque se transfigurou, foi ressignificada. Traduzindo para outros termos, os referenciais

que compõem a seridoensidade se transformam com vistas a adaptarem-se a este processo de mundialização.

Com a transformação das identidades e dos referenciais culturais percebe-se fenômenos bastante peculiares, que levam a algumas reflexões, servindo muito mais como uma problematização, uma inquietação e a indicação de possíveis temáticas de estudos, do que como uma conclusão da problemática proposta nesta dissertação.

Em primeiro lugar, a própria noção de espaço também se transfigura, provocando mudanças importantes nos lugares. Notamos que, se as forças motrizes do turismo seridoense dividem os espaços do centro histórico de Caicó durante os dias da Festa de Sant'Ana entre núcleos rituais de tradição, ou reforço da "ordem", e de modernidade, dos desvios, dos vieses, das "inversões", esta transformação não impede que estes espaços se misturem em dados momentos. A reflexão evidencia, uma vez mais, um hibridismo "espaço-cultural".

E se a "noção" de espaço se transmuta, transmutando também os próprios espaços, é interessante notar que, nesse contexto, a noção de território segue o mesmo padrão. Nesse sentido, as fronteiras do próprio Seridó – recorte imagético-discursivo – se expandem. Isto é, o núcleo central da cultura seridoense, que antes se encontrava preso ao espaço geográfico do Seridó, perde sua centralidade, passando agora a ser, ao mesmo tempo, produtor e produto de uma representação identitária conotada formada sobre a égide de uma cultura que, ao mesmo tempo, globalizada e globalizante. O que nos leva a uma outra reflexão.

Uma vez que as fronteiras do Seridó se expandem, ganhando visibilidade e influências globais, a cultura do Seridó passa a sofrer um constante e incessante processo de resignificação, movimento irreversível. Ou seja, ocorre uma resignificação da cultura e da identidade local. Contraditoriamente, a representação conotada do ser seridoense, da seridoensidade, por parte das políticas públicas de divulgação do destino, para o discurso turístico, dificilmente mudará, buscará constantemente uma continuidade com um passado histórico tradicional. Isso se dá porque a peculiaridade cultural do Seridó é justamente o principal produto de venda do destino turístico em questão. E sem toda esta sorte de referências culturais tradicionais que foram abordadas ao longo da presente pesquisa a atividade turística dificilmente persistiria na região.

Em uma palavra, a atividade turística na região do Seridó, que chamei de "globalizada e globalizante", cria um movimento ambíguo e irreversível, no qual ao mesmo tempo em que se transfiguram as culturas, as identidades e os lugares, se atribui, pelas pressões do turismo, uma representação imagética estanque à estas mesmas categorias,

cristalizando-as nos discursos de venda e no uso da cultura local. Enfim, sem que haja maiores reflexões por parte dos visitantes da região acerca das culturas e identidades locais, aos olhos do mundo, também ocorre uma cristalização desta dita seridoensidade, que na verdade, em nível local, estaria em constante processo de resignificação.

REFERÊNCIAS E FONTES

- ARAÚJO, Antenor Salvino de. *Entrevista concedida a Ana Nery Silva de Oliveira*. Caicó, 20 abr. 2007.
- BARTH, Fredrik. *O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- CANCLINE, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008. (Ensaio Latino-Americanos, 1). p. XIX.
- CAVINGNAC, Julie A.; MACEDO, MACÊDO, Muirakytan Kennedy de; BRITO, Paula Sônia de; DANTAS, Maria Isabel. O Inventário da cultura do Seridó (RN): ou como dar conta do patrimônio imaterial de uma região. In: *Memória em Rede*, Pelotas, v.2, n.4, p. 48-84, dez. 2000 – mar. 2011. Disponível em: <www.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede>. Acesso em: 12 dez. 2010.
- CERTEAU, Michel. *A Invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- DOSSIÊ IPHAN: festa de Sant'Ana. Natal: IPHAN, [200-].
- FONTES, Diana Pinheiro. *Entrevista concedida a Rosenilson da Silva Santos*. Caicó, 27 jul. 2007.
- GEERTZ, Clifford *O Saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 79.
- _____. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GUERRA FILHO, Adalto. *Entrevista concedida a Ana Nery Silva de Oliveira*. Caicó, 09 maio 2007.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.
- MATTA, Roberto da. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. *Mana*, abr. 2000, v.6, n.1. p. 13.
- _____. *O que faz o Brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- RIO GRANDE DO NORTE (Estado). Governo do Estado. Assessoria de Comunicação. *Ações do governo: Complexo Turístico Ilha de Sant'Ana*. Natal: [2008]. Disponível em: <<http://www.rn.gov.br/acoes-do-governo/complexo-turistico-da-ilha-de-santana/12/>>. Acesso em: 27 jan. 2012.
- ROTEIRO SERIDÓ. Natal: SEBRAE, 2005, p. 18, grifos nossos.
- SALES, Ronaldo Batista de. *Entrevista concedida a Ana Nery Silva de Oliveira*. Caicó, 09 maio 2007.
- SILVA, Allan Stephan Araújo Rodrigues. *Entrevista concedida a Clériston Rafaell Wanderley de Medeiros*. Caicó, 05 set. 2011.